

## Discussão

**Paulo:** Valeu, Juliana. Obrigado pela sua fala. A gente já tem a participação de duas pessoas, Roberto e Sandra, no chat do YouTube. Queria convidar quem mais tiver questionamentos, comentários a fazer, porque agora a gente começa, então, o momento da discussão e do debate. Enquanto eu dou um tempo para a galera se animar mais, eventualmente, eu vou só fazer alguns comentários aproveitando esse lugar de quem estava aqui ouvindo diretamente da sala as colocações. Para mim, foi uma mesa muito rica, sobretudo a partir das diferentes perspectivas que foram colocadas, então acho que a gente foi abrindo pontes de reflexão que se somam com os outros dois, com as outras edições, os outros dois webinários dessa série, que eu acho que são especialmente interessantes. Acabou que eu não anotei a referência que a professora Jacqueline trouxe do autor, mas essa reflexão sobre a produção de uma ciência do Sul, que seja uma ciência do Sul entendendo os sujeitos dessa ciência, esses sujeitos da pesquisa como reflexão, como autores de pesquisa, e que são sujeitos completos em serem sujeitos do Sul, e não sujeitos do Norte, acho que tem como plano de fundo a reflexão de todo mundo, né? Como a gente potencializa uma ciência do Sul, que seja ciência do Sul, voltada para pessoas do Sul, produzida para pessoas do Sul. E nesse sentido, uma coisa que foi aparecendo é esse desafio clássico da Antropologia, né? Como a gente encara ou a gente supera uma separação tão fundamental entre sujeito e objeto? E o quão essa Antropologia feita à periferia muitas vezes permanece fixa a esse sujeito-objeto de maneira separada, sem superar. Então aquela possibilidade e desafio de uma pesquisa próxima, de uma pesquisa com o igual. Na verdade, ela vira uma superação de uma diferença apenas territorial física, mas ela permanece como uma diferença epistemológica central. Porque esse próximo, esse igual,

continua sendo o outro, então a gente não avança na transformação dessa Antropologia a partir do momento que essa diferença, que é fundante da Antropologia e fundante da Antropologia como uma empresa colonial, não é superada quando a gente está pesquisando; inclusive a si mesmo ou alguém tão próximo. Então, eu acho que esse é um ponto muito interessante e eu acho que a própria fala de vocês foi apontando formas de superação disso. E aí a reflexão da Jacqueline sobre o modo como o hip hop é incorporado nesse Hip Hop Studies, mas também nas reflexões e na atuação específica que ela tem desenvolvido na Unicamp, aponta para isso. O hip hop não é produzido como outro; o hip hop é produzido como alguém que é parte da produção de uma reflexão que goza de um status tal qual esse status acadêmico, essa possibilidade, essa função, essa potência igual.

Então, ao mesmo tempo que essa mesa trouxe alguns desses desafios, para essa Antropologia caminhar numa direção mais interessante, numa direção para a gente descolonizar o ensino da Antropologia na graduação, mas não só na graduação na pós-graduação também, refletimos aqui, a gente foi apontando caminhos.

Eu acho que tem uma coisa também muito bacana que aí eu já queria começar aí pensando. Eu queria colocar algumas questões que foram me sendo provocadas enquanto eu ouvia. É muito interessante a professora Jacqueline trazendo as singularidades da Unilab, a partir desse reforço dos saberes da diáspora, de saberes locais, dos ditos subalternos específicos. Mas o que eu achei interessante, pensando numa perspectiva prática mesmo, professora, se você pudesse contar para a gente, que você fala que, ao entrar na graduação, você vê que os alunos têm uma resistência à Antropologia por conta da nossa história a serviço da empresa colonial e que vocês, aí, desenvolvem um esforço de evidenciar formas de confrontar esse colonialismo e essa epistemologia. E aí eu queria que se você pudesse compartilhar conosco um pouco dessas estratégias, que eu acho que esse enfrentamento é o enfrentamento comum que nós temos nos diferentes lugares de ensino de Ciências Sociais e de Antropologia. Os nossos alunos entendem, fazem, desenvolvem a crítica desse lugar da Antropologia. E aí

às vezes a gente tem que ter esse trabalho de fato. Acho que você até utiliza a categoria de sedução, esse trabalho de sedução, que envolve. Na verdade, quando a gente fala de sedução, a gente tá falando de afetos e sensibilidade. Então eu acho que, se você pudesse compartilhar um pouco desse processo de como você está enfrentando isso, acho que pode ser bem interessante para a gente caminhar nessa direção.

Eu vou, não sei se Jaime está voltando, então vou passar o meu comentário para a Jaqueline e depois eu volto para Jaime nessa questão de conexão. Então, Jaqueline, eu fiquei muito impactado com o que você contou, achei muito interessante. Fiquei sabendo de algumas coisas próximas, mas não exatamente do que você contou, então foi muito bom te ouvir a respeito disso. Eu acho que você traz uma reflexão fundamental para o ensino da Antropologia, que é o modo como a gente lida com a diferença e com a diversidade e o quão essa diversidade se tornou uma diversidade de mercado a partir do momento em que essa diversidade não é pensada como relações de poder. E aí é muito interessante que a sua fala veio depois da fala do professor Jaime, quando ele aponta para essa esquizofrenia da Antropologia, como se Antropologia de certa maneira tivesse incorporado essa diversidade, talvez de mercado, ao reconhecer as identidades para alguma coisa, mas quando a gente estava falando de ampliação de direito, de garantia de direito, essa identidade não era reconhecida, porque aí ela estava falando de hierarquia, de diferença de poder, aí eu acho que todos nós sabemos do posicionamento de parte da área com relação às cotas, né? Quando a gente tá falando de estudante, mas a gente também pode pontuar os desafios que temos enfrentado para além da área, né? Isso não é um problema da Antropologia, sobre a garantia do reconhecimento das vagas para concursos de docentes das universidades federais e estaduais e do reconhecimento de corpos, né? O como a gente supera esse desafio na inclusão de estudantes, graças à luta histórica dos movimentos sociais.

Então a gente tem a obrigatoriedade da inclusão das ações afirmativas para estudantes, mas quão a gente enfrenta resistências seríssimas, jogos de poder bem difíceis, para o reconhecimento das cotas para docentes das

universidades federais e estaduais, contando esse desafio. Uma coisa que também aparece na fala da Juliana, quando ela fala do apoio às cotas envergonhado de alguns colegas, que aí, depois, passam a tornar impossível a vida de alguns dos estudantes. Mas o que eu ia falar é de maneira especial a partir da sua fala, professora Jaqueline. É muito interessante essa incorporação que vocês fazem sobre o hip hop na Unicamp. E como você constrói o campo do Hip Hop Studies de maneira geral. Porque, quando você fala da linha de pesquisa do acervo, a gente tá falando, então, de uma mudança nas formas de fazer ciência, né? Então a gente tá falando de uma alteração, que é estrutural, que eu acho que, digamos assim, é o que também tá nessa agenda, né? Então a gente teve as cotas de acesso, às cotas professores, e eu acho que vai se tornando um desafio que a gente não pode mais fugir, que é aquilo que monta ciências, técnicas, os espaços, as texturas ou as textualidades, melhor dizendo. Então, quando você fala da criação de um acervo, acho que aponta para isso. E aí eu fico pensando em duas coisas nessa direção: como a gente pode produzir outras formas de textualidade no ensino da Antropologia, que sejam textualidade que apoiam esse processo de descolonização da Antropologia? A gente sabe que, por exemplo, um país com desigualdades educacionais tão grandes, como que a gente experimenta, a forma texto é uma forma de produção de desigualdade, é uma forma de demarcação de desigualdade. Então, como a gente também pode incorporar outras textualidades, outras formas de produção, de sistematização desse conhecimento que a gente reforce ou que a gente potencialize esse movimento de descolonização da Antropologia e do ensino da Antropologia na graduação e na pós?

A gente que atua em docência, a gente sabe o quão é produtor de ansiedade, de insegurança, entregar o trabalho final de disciplina, um TCC, uma dissertação. Talvez, nesse processo de produção de nenhuma lealdade à forma de Estado, como o professor Jaime coloca, ou da desobediência às ciências eurocentradas que a professora Juliana coloca, tem a ver ou passa por produção de outros textualidades na prática da Antropologia. Então acho que aí a gente tem inspirações. A Glória Anzaldúa, com a forma de

escrita dela talvez seja uma inspiração, o “pretoguês” da professora Lélia González, também são outras formas de produção nessa direção. Então o que a gente pode descolonizar as nossas formas de avaliação, pensar que a avaliação não deve ser uma forma de produção de ansiedade nos nossos, nas nossas e nossas estudantes e nem de punição dos professores. Porque acho que muitos colegas entendem a avaliação como forma de punir estudantes. Mas como a gente reivindica avaliação naquilo que ela deve servir, como instrumento pedagógico de acompanhamento e desenvolvimento da relação de conhecimento, mas também uma avaliação que sirva um processo de descolonização mais ampla da disciplina?

E da mesma forma, te ouvindo, e eu tô colocando em diálogo com a professora Jaqueline Santos dessa vez, mas eu acho que fica para quem quiser falar também, tô levantando bolas e fica à disposição. Como o ensino da Antropologia pode sair do espaço da universidade, sem ser só através de um trabalho de campo? Eu acho que esse é um desafio também para a gente. Então, acho que o ensino da Antropologia, ele sai da universidade no trabalho de campo. Mas como a gente pode fazer além disso? Uma pena que o Osmundo ainda não conseguiu conectar por causa desse deslocamento que ele tá enfrentando, mas Osmundo tem um projeto de extensão muito interessante nas escolas do Recôncavo Baiano. Ele desenvolvia um projeto muito interessante extensionista nessa direção, refletindo sobre raça, gênero, em especial masculinidades ali. Os desafios do ensino da Antropologia também sair da universidade para além dos espaços de pesquisa. Tá, isso já falei e eu também já tô me alongando. Não queria me alongar demais, mas essa coisa do protagonismo dos estudantes, das suas relações a partir do Hip Hop Studies reformulando no lugar deles na história pública de fato é muito interessante. E aí recupera aquilo que o professor Jaime também falou a partir do Fanon antropólogo, da inspiração do Fanon antropólogo por uma descolonização que se funde ou que se sustente também numa empatia fundamental com esses indesejáveis. Eu acho que isso foi uma reflexão bem interessante que o professor trouxe, chamando a atenção também dessas capturas que a gente já tem. Então a gente avança

no reconhecimento de que é preciso ter cotas, o reconhecimento de que a universidade está mais diversa, mais plural, só que, no cotidiano da universidade, vai fazendo um crivo desses diversos que passaram a entrar e a provocação do professor Jaime da gente ter empatia com os indesejáveis. Para a gente, então, optar para aqueles que não têm, que não estão, sem ser pejorativo nesse termo que eu vou utilizar, mas por aqueles que não estão capturados já pela linguagem, pela estética do como falar na universidade, como se portar na universidade, essa reivindicação da gente se aproximar de fato dos indesejados ou daqueles que estão nos espaços de abjeção, nos espaços abjetos, que estão localizados nesse lugar. Então talvez sejam os alunos que estão com marcadores sociais de desigualdade, de diferença, de desigualdades então mais aflorados. Mas talvez a gente esteja falando também daqueles estudantes que são mais combativos, que são mais subversivos, que são mais contestadores com a estrutura burocrática e hierárquica da universidade. Incluem esses, mas fazem um processo contínuo de exclusão, porque são os que vão ter dificuldade de conseguir a bolsa de iniciação científica, a bolsa de extensão, a orientação para uma conclusão de um trabalho de curso, na seleção de mestrado, pode ter um novo gargalo e etc.

E aí o meu convite pro professor, se ele puder falar, claro, um pouco mais sobre essa Antropologia que não oferece nenhuma lealdade ao Estado e ao humano... desenvolver um pouco mais dessa ideia, que me parece especialmente estimulante e dialoga com outras que a gente tem conversado aqui, que eu acho que pode ser muito interessante para a gente. Acho que, além dessa fala, o entorno dessa fala, o professor trouxe essa necessidade de a gente ouvir, digamos, essas ruas, mas que são as outras ruas, não essas ruas capturadas, essas ruas que já têm formato de manifestação política, eu diria, essas ruas que são as ruas, que não são as ruas, talvez, mas as vielas, as quebradas, os becos, as encruzilhadas talvez. Então acho que tem um aspecto muito interessante, muito inspirador aí nessa nenhuma lealdade ao Estado, que eu acho que dialoga de maneira muito fundamental com o convite da professora Juliana da gente ter uma ciência que seja desobediente às ciências eurocentradas. Como a gente consegue escapar dessas ciências e

dessas formas de fazer? E por isso também a minha interrogação, Juliana, sobre as formas de textualidade. Então, essa ciência eurocentrada, existem formas de apresentar esse conhecimento que também passa por a gente escapar um pouco disso.

E aí, para concluir, porque eu já tô falando demais, Juliana traz uma reflexão que eu acho muito interessante no final da fala dela, que é a produção do presente de estar na universidade, que envolve essa diversidade, essa diversificação melhor do público das universidades. Então, a universidade está concedendo esse presente que aponta para uma lógica de poder já conhecida entre nós, que é o paternalismo. Então você cria uma relação que não é o paternalismo real, você cria uma ilusão de paternalismo para que crie esse sentimento de dívida, você traz o ter que merecer, coloca esses estudantes que são tidos como exemplares. Mas além do que está por trás disso é esse sentimento de dívida e a necessidade de ter que dar o exemplo, de ter que produzir um trabalho excessivo para honrar esse presente recebido. Então isso tem produzido uma outra coisa que a gente tem enfrentado no cotidiano das nossas universidades, que é o adoecimento mental. A gente tem um adoecimento mental muito grande entre nossos colegas, entre docentes, mas também, de maneira muito fundamental, entre os estudantes. É isso que eu tô querendo destacar aqui. Essa lógica, essa elaboração discursiva do presente para alguns, que tiveram essa oportunidade, provoca o sentimento de dívida e dever merecer, como você traz, mas o sentimento de dívida que produz um adoecimento. Então acho que essa também é outra coisa que a gente tem que enfrentar aqui quando a gente tá falando dessa diversidade ou dessa diversificação do acesso à universidade.

Tinha uma questão que eu ia desenvolver no final que não vai dar que é sobre o próprio sentido de universidade que se transforma quando essa galera chega. Eu acho que esse é um debate que a gente tem que desenvolver, como a universidade virou outra coisa, se a gente compara o que era a universidade de vinte anos atrás, por conta desse outro público que acessa. Mas a outra ideia que a professora Juliana trouxe, que aí eu encerro, é sobre a produção de excepcionalidade. Então, esse sujeito que consegue acessar,

ele tem que honrar, e aí ele fica com esse sentimento de dívida e ele também é produzido como excepcional, e a gente sabe que a produção de excepcionalidade é uma outra forma de desumanização desses sujeitos. Então, o que coloca como um desafio também como a gente combate essa produção de excepcionalidade. Porque isso é uma forma de desumanização desses e dessas estudantes que nos colocam desafios também pedagógicos e, mais do que desafios pedagógicos, desafios de afetos de sensibilidade, retomando a fala inicial que eu fiz em diálogo com a fala da professora Jacqueline Pólvora.

Foi uma mesa muito estimulante. Acho que dá para notar, eu queria pensar mais falar mais, mas já tô falando demais, e aí vou fazer as colocações que foram feitas no chat agora, então vou colocar as perguntas feitas. O professor Roberto Barreto coloca a seguinte pergunta, e aí ele não direciona, então, é para a mesa, para todos, para o Jaime e para todas vocês: o movimento decolonial, na Antropologia, não deveria ser mais do que uma mudança de eixos geográficos? Quais abordagens teóricas, metodológicas e didáticas favoreceriam essa descolonização? Obrigado, Roberto, pela participação. A professora Sandra Mara coloca a seguinte interrogação: vocês acham que autoras e autores negros, negras e negres e indígenas também estão sendo utilizados como centrais nas bibliografias das disciplinas das graduações em Antropologia? E aí ela agradece. Gente, Mateus, eu não sei se a gente pode ultrapassar um pouquinho, porque, para o tempo, era meio-dia que a gente teria para encerrar, mas só para a gente garantir mais ou menos cinco minutos de resposta. Ótimo, cinco minutos de resposta mais ou menos para cada pessoa, para a gente poder encerrar mais ou menos do tempo que era previsto. Pode ser assim, Jaqueline, Juliane e Jaime? Mais ou menos, aí eu dou um toque. A gente pode estender um pouquinho, mas, enfim. Então podemos seguir a ordem inicial? Então, professora Jacqueline Pólvora. Obrigado, gente.

**Jacqueline:** Obrigada aí os comentários do chat, obrigada também pelos comentários do Paulo. Eu também queria dizer obrigada sobretudo a Juliana,

Jaqueline e Jaime... o prazer de escutá-los e também conhecer o trabalho de vocês. Porque, como disse o Paulo, é muitíssimo estimulante, então agradeço hoje essa oportunidade. Eu acho todas as falas bastante provocativas no sentido de provocar reflexão realmente, levantam mais a mim, me deixam mais, me abrem um leque de dúvidas, de perguntas do que muito mais de respostas. Eu me reconheço muito a partir do lugar da Unilab, no trabalho que a Jacqueline Santos trouxe, apresentou aqui essa coisa das linguagens, do hip hop dentro da universidade. Porque, de fato, eu diria que o público que a gente tem, eu acho que, talvez, em comum, assim, na minha universidade, ele tá mais para esse trabalho que a Jacqueline Santos faz, por exemplo, do que da UERJ ou UnB e alguma coisa assim. Acho que tem uma diferença de público, que a gente atende, o fato de que eu tenho estudantes do continente africano. Ou seja, a Unilab, realmente ela é assim, ela é uma universidade que eu acho que cabe nessa discussão da periferia, como tá nessa mesa número três, uma universidade periférica, na região metropolitana aqui, um pouco longe de Fortaleza, e tudo isso explica uma série de dificuldades e, enfim, para a gente lidar. Então, quando o Paulo, por exemplo, faz a pergunta sobre essas estratégias de sedução, eu também acho que a gente é eficaz nessas estratégias, mas também a gente não tem, e é uma discussão que a gente tem dentro da universidade, dentro do Instituto de Humanidades no qual o trabalho, que os nossos cursos, claro a universidade, outros institutos, talvez pensem as universidades ou as humanidades como uma entrada, por exemplo, de trezentos candidatos por uma vaga; como tem os cursos de Medicina, de Engenharia. E eu sempre digo que as humanidades são as humanidades, elas jamais vão bombar desse jeito como engenharias ou qualquer coisa assim. Inclusive, por exemplo, porque, mundialmente, os mercados de trabalho das licenciaturas, eles estão declinando, tem cada vez menos procura, mas isso, a Fapesp, a revista da Fapesp acabou de comentar isso. Então nós não temos uma grande procura. O que a gente tenta fazer é justamente, claro, como a gente dá aula também no BHU, no bacharelado em humanidades, a gente tenta a partir dali trazer esses alunos, demonstrando um pouco, a partir do nosso conteúdo, da

nossa discussão. A gente tem alunos que dizem que adoram Antropologia, mas não vão fazer Antropologia porque não vão trabalhar com isso, não vão conseguir trabalho. Então são, realmente, acho que tem temáticas, acho que a gente tenta, através das temáticas de trabalho e em sala de aula, os conteúdos. E aí, é claro, e através da extensão, dos projetos de extensão, assim como você mencionou o professor Osmundo.

Então, sobre conteúdos, temáticas, eu já entro um pouquinho aqui no que a Sandra Mara perguntou: vocês acham que autoras e autores negros e indígenas também estão sendo utilizados como centrais nas bibliografias? Sandra, eu não posso dizer de outras universidades. Acho que os nossos colegas aqui vão dizer. Agora, para nós ali na Unilab e no curso de bacharelado em Antropologia, para nós, isso é muito importante. É muito importante trazer pelo próprio, eu diria, reconhecimento dos, das estudantes. A gente acha importante, dentro desse bacharelado em Antropologia, que os estudantes se reconheçam nas suas leituras, se reconheçam nos debates. Então por isso eu falei no começo, a gente trabalha com as disciplinas clássicas, com as teorias clássicas, mas também trabalha com outras leituras. Não apenas eu diria o Fanon, eu citei no começo o Du Bois. A gente vem trazendo dos clássicos, o Firmin, a gente vem tratando dos clássicos para chegar nos contemporâneos, passando pelo Stuart Hall também. Então, de alguma forma, os nossos estudantes e as nossas estudantes saem daqui com um perfil que, quando eles chegam, por exemplo, numa outra universidade, os outros professores, os colegas, assim, de outras universidades dizem isso “Ah, você veio da Unilab, né?” Então eles reconhecem a interferência da Unilab nesse conjunto de leituras. Quando eles vão a congressos e tal que eles apresentam.

Então, eu acho que dentro do bacharelado em humanidades, dentro do bacharelado em Antropologia, que é onde eu trabalho, eu acho que a gente realmente tem um esforço para que os nossos alunos se reconheçam no que está sendo estudado. Acho que a gente procura fazer isso tratando leituras do continente africano. Inclusive eu vou dizer, tem o tema da tradução, e aí entra um pouco também nessa conversa do letramento que

a Jaqueline Santos falou antes, de que o Paulo também salientou. Eu acho muito bonito, muito legal essa junção, por exemplo, de hip hop com a universidade. Não apenas bonito, eu acho importantíssimo isso. E também, eu diria, uma boa forma de trabalhar, por exemplo, como a menina que você citou, Jaqueline, disse da coisa do letramento, que o hip hop foi quem fez o letramento, o hip hop ou rap, alguma coisa assim, um deles, ela diz no depoimento que você traz. Então eu acho que, assim, eu sou muito preocupada com isso, uma coisa de que o aluno escreva, que domine essa linguagem, porque é importante isso, né?

Eu acho que a sociedade aqui fora, ela pede isso. Aqui no continente africano, quer dizer, todo aquele texto do Fanon, no primeiro capítulo dele do “Pele negra, máscaras brancas”, que ele fala de como esse sujeito que migra para a França, ele tem que falar francês corretamente porque senão ele é imediatamente identificado como um sujeito de fora. Além da cor da pele, claro, porque eles vêm, o Fanon tá falando da migração da Martinica. Mas então é muito importante essa coisa, o letramento, o domínio da linguagem escrita. Eu acho isso importante e eu tento puxar também, por isso, com os meus estudantes.

Eu vou só finalizar comentando a pergunta do Roberto: o movimento decolonial não deveria ser mais do que uma mudança do eixo geográfico? Eu acho que a mudança do eixo é muito importante. Ela não deve, assim, eu não advogo que, de forma nenhuma, o abandono, muito pelo contrário, né? O abandono, por exemplo, das teorias do Norte... nada de bom nisso, né? Acho que a gente tem que conhecer a teorias do Norte para saber onde que a gente tá, inclusive para desconstruir. Acho muito importante esse material, esse movimento. Quais as abordagens teóricas, metodológicas... Eu acho que todos nós estamos um pouco citando isso, né? As abordagens, eu tô elencando aqui uma história, eu diria, os autores de Fanon, de DuBois, para que a gente compreenda o que esse sujeito, já lá no início do século, ou nos anos 50 ou nos anos 60, vinha falando sobre essa colonização, digamos assim, do conhecimento. Então acho que a gente tem que juntar, tem que juntar a Grada Kilomba nesse momento, tem que juntar

autores contemporâneos. Eu acho que tem que fazer um mix daí. Eu acho que, quanto mais ampla a formação dos estudantes, melhores eles vão estar na vida, na rua. Acho que eu fico aqui para deixar os outros colegas, para também dar um espaço. Obrigada, viu? Mais uma vez, obrigada pela oportunidade de escutá-las e escutar o Jaime, obrigada.

**Paulo:** Obrigado, professora Jacqueline. Não precisaria, mas acho que eu vou falar: a gente recebe aqui na UFRN muitos estudantes egressos da graduação na Unilab, e aquilo que a professora Jacqueline falou eu atesto. Eles têm uma formação, de fato, diferente dos estudantes formados em outros lugares, e eu acho que mostra a importância desse projeto político-pedagógico da Unilab, para além da Unilab. Então, eles impactam de maneira diferencial aqui no nosso PPGAS, trazendo contribuições muito relevantes, dada essa formação diferenciada que a professora Jacqueline comentou. Isso, de fato, como alguém que, digamos assim, recebe ou de certa maneira também é beneficiado, por isso acho que valeria a pena ressaltar aqui na mesa isso. Professor Jaime.

**Jaime:** Obrigado. Mais uma vez a pergunta do Roberto: abordagem metodológica para descolonizar. Mas, além do discurso, eu acho que esse é o desafio que todas, todos temos em estando na academia. Como a gente pode pensar mais além de incorporar pessoas com identidades dissidentes, pessoas negras, pessoas trans, pessoas e grupos marginalizados na academia e que isso não seja uma transformação cosmética, né? Como a gente faz para mudar substancialmente, radicalmente essa transformação? E eu acho que a Juliana falou um pouco aqui, há pouco, desse expandir, tem uma consequência nessa descolonização uma consequência prática. Eu acho que a gente, pelo menos eu enfrento muito isso, por exemplo, a professora Jacqueline sabe, a gente foi treinado na Antropologia ativista em Austin. E essa discussão era muito forte, porque a palavra mesmo “ativismo” aí implica uma posicionalidade desses sujeitos bem confortável dentro do que se chama sociedade civil, né? É tomar como certo esse paradigma

de sociedade civil que não atende a esses sujeitos que estão às margens, né? Visceralmente às margens. Quero deixar bem claro essa palavra “visceral” aí, porque eu acho que aí a gente mobiliza uma outra forma de afeto. Antropologia limpinha, sanitária, que trabalha tanto com afeto, ela escolhe um certo tipo de afeto que faz parte desse léxico, dessa gramática de pensar uma Antropologia bonita, com o texto sofisticado, com sofisticação teórica. Mas não é necessariamente essa Antropologia, que é a Antropologia que as ruas, e é o que Paulo fala, as ruas que não são das ruas, está pedindo. Essa outra Antropologia é uma Antropologia suja, é uma Antropologia da aberração, é uma Antropologia que move rancor, raiva, abjeção, sangue. Eu acho que essa outra Antropologia, que esse sujeito, e eu digo isso, assim, de maneira, assim, bastante comovido, porque eu acho que já está presente nas salas de aula, todos nós que estamos aqui, a gente sabe que tem aqueles excelentes, aquelas estudantes lá que só precisam de um empurrão porque já tá nele, já tá nela essa angústia, essa depressão, essa raiva, e que cabe à gente que ama Antropologia como experimento de liberdade fazer disso uma aposta política radical, puxar para as margens. E aí, para não alongar muito, eu termino aqui pensando exatamente essa Antropologia fora da lei, essa Antropologia do Fanon antropólogo, mas que poderia ser também o que a professora Jacqueline tá falando da Antropologia de um Du Bois, que está fazendo essa pesquisa lá em Filadélfia e trabalhando com esses sujeitos também, né? A gente pensar exatamente isso, que mesmo quando a gente tá teorizando contra o Estado, é o paradigma do Estado que tá atrás daqui, a sombra do Estado. E é interessante porque, um projeto de tão longa duração, a ideia de provincializar o Estado... Quanto tempo você está falando de provincializar o Estado? Mas a gente não provincializa o Estado, a gente provincializa a periferia, a gente provincializa esses outros espaços, porque é desde... da perspectiva do Estado que a gente critica o Estado.

Então, quem implicaria pensar essa Antropologia fora da lei seria pensar como esses próprios sujeitos desafiam a gente, a mim. Por exemplo, quando fazendo pesquisa na periferia de São Paulo, me diziam o seguinte: “O Zé Povinho, cuzão, com medo de morrer.” Assim, eu era confrontado

e realmente com medo de morrer, realmente eu me encaixava e encaixo na categoria “Zé Povinho”, que para o pessoal aí do mundo crime é bem uma categoria que não é nada de elogio. Aqui na Colômbia também. Eu, por exemplo, trabalhando com jovens das “pandilhas”, os jovens falam o seguinte: “Não se preocupa, você não é sequestrável.” Sequestrável. Eu não sei, sequestrável eu deveria ser. Graças a Deus, um alívio, mas é também uma ofensa, é também me colocar e me classificar dentro desse código de sociedade civil que, mesmo com o discurso de direitos humanos, discurso limpo de humanismo e tudo, não convence porque não consegue captar, não consegue chegar na visceralidade desses sujeitos que estão desafiando o Estado. E para terminar, todos nós somos abolicionistas no princípio, eu sei disso. Nós vemos o Estado como o inimigo neste processo de produção de mortes e, ao mesmo tempo, a gente tem essa dificuldade de entender exatamente esses sujeitos que colocam obstáculo à completude desse projeto do Estado.

É uma coisa que eu sinto assim, essa curiosidade de pensar como é que a gente não consegue posicionar esses sujeitos como interlocutores consequenciais, como a Juliana tá falando, de maneira consequente na produção de conhecimento. É pensar como essas pessoas elas estão produzindo conhecimento a partir de seus corpos mesmo e como essa posicionalidade, na verdade, desses sujeitos, elas nos desafiam, e, ao mesmo tempo, a gente não consegue situar elas como interlocutora na produção de conhecimento. Elas são objeto de nossas pesquisas, elas são pessoas que oferecem uma linha para a gente citar, mas elas não aparecem. Como a gente poderia pensar que as pessoas do mundo do crime por exemplo são intelectuais? Porque são pessoas que estão produzindo uma outra forma de confronto com o Estado, e esse confronto com o Estado é tudo que a gente tem pedido e teorizado, de como a gente pode provincializar o Estado. Essas pessoas provincializam seu Estado, outra vez, de maneira visceral, com as suas próprias vidas, com suas próprias emoções. Enfim, eu acho que a gente precisa, nessa descolonização da academia, de uma nova Antropologia, desses novos sujeitos. A gente tem que pensar também de que não podemos

aceitar uma maneira seletiva de lidar com os afetos, principalmente nessa nova moda da Antropologia dos afetos.

**Paulo:** Ótimo, Jaime, obrigado. Agora a gente passa, então, para a professora Jaqueline.

**Jaqueline:** Eu concordo com vários pontos que foram trazidos pela professora Jacqueline Pólvora, pelo professor Jaime Alves, vou tentar não ser repetitiva. Mas começar pela sua pergunta, Paulo, sobre a questão do engajamento com a sociedade, né? O que a gente oferece para a sociedade? Bom, eu acho que, do ponto de vista geral, quando eu trouxe aquela questão que a gente não pegar a diferença só como sinônimo de diversidade, mas entender as relações de poder que estão imbricadas nisso e como ela produz desigualdades, a gente tem, a gente, muita gente que faz isso na Antropologia e, hoje, sobretudo, nos estudos de raça, gênero e sexualidade. Mas a gente ainda tem esse modelo de Antropologia, né? Eu fui formada recentemente, eu defendi o doutorado em agosto de 2019, tem quatro anos já, mas, assim, eu encontrei isso ainda como a lógica majoritária na Antropologia, com exceção de nós que estudamos raça, gênero e sexualidade. Então eu acho que, se a gente consegue reposicionar esse papel da Antropologia saber, que é apontar as contradições, as desigualdades, pode servir de evidência para a gente transformar alguma coisa na sociedade. Se os nossos conhecimentos, você falar, você trazer fatos da realidade, evidências da realidade, vai ajudar nossa área de conhecimento. E se posicionar mais. Mas não quer dizer que você tá assumindo uma posição, mas está cumprindo o papel colocando a ciência a serviço da sociedade, né? E o papel da universidade é produzir conhecimento para a sociedade. Nem sempre a gente faz isso, mas esse é o papel da universidade. Então acho que esse é o primeiro ponto. No segundo ponto, é que aquilo que a gente tem feito na Unicamp, trazer outros atores, outras autoras para o cenário de formação acadêmica. Quando a gente, por exemplo, começa a trabalhar com acervos e arquivos e a gente traz essas pessoas para falarem, né? Ao invés da gente pegar o arquivo e

ficar, a gente vai pegar o arquivo, a gente vai estudar o arquivo... Mas a catalogação desse arquivo foi feita de forma colaborativa com as e os servidores que trabalham lá no AEL, por exemplo, né?, que são servidores públicos que vão cuidar desse arquivo de hip hop e vão receber as pessoas para mostrar. Elas tiveram a possibilidade de ouvir a importância e a história desses materiais com as pessoas que preservaram eles até chegar na universidade; e o que dizem esses materiais. Então, isso muda um pouco a posição, e os estudantes sentam para ouvir. As estudantes, os professores, todo mundo senta para ouvir essas pessoas. E da mesma forma o que a gente está produzindo ali, a gente contribui para a implementação das diretrizes curriculares de educação, para as relações étnico-raciais de ensino história e cultura africana e afro-brasileira. Porque o que a gente está fazendo ali, juntando materiais, juntando narrativas, a gente tá construindo fontes e subsídios para a produção de novos conteúdos, de novos materiais que vão alcançar a educação básica, e a universidade tem esse papel também.

Então, a gente não tem uma história consolidada de preservação da memória negra, indígena nas universidades. A Unicamp, ela tem agora esse centro de memória do movimento negro dentro do qual fica o arquivo. Ambos ficam dentro do AEL, que é o Arquivo Edgar Leuenroth, que é o maior arquivo de movimentos sociais da América Latina. Ela tem esse projeto há três anos, mais ou menos. E quando a gente iniciou esse projeto, parecia que era uma grande novidade, porque aí os arquivos de várias lideranças de movimentos sociais de mulheres negras começaram a ir para a universidade. Então é colocar um papel de responsabilizar a universidade pela preservação dessa memória também, né? Porque a gente não tá falando do outro, do distante. A gente tá falando de nós, daquilo que nós somos, e a gente precisa reconhecer que não é uma coisa pontual. Isso faz parte da sociedade brasileira, da nossa história, daquilo que nós somos. Então acho que, quando a gente faz isso, a gente está contribuindo para a educação básica, a gente tá contribuindo para mudar os rumos da pesquisa, a gente está contribuindo para a formação das e dos estudantes, de pessoas, de novos profissionais que vão vir para esse mercado da Ciências Sociais, que é um

mercado também, né? Mas que tão sendo formados por novos paradigmas, então tendo outros referenciais.

E aí, sobre autores negros, indígenas, negras, negros, negres e indígenas sendo utilizados, concentrados nas bibliografias da disciplina de graduação. Não, né? E assim: autores e autoras na forma como a gente tem considerado ali na nossa linha de pesquisa, mais do que quem tem produção só acadêmica. E a gente teve uma experiência bem complexa no ano passado, que foi a disciplina sobre a contribuição dos Racionais MC's para o pensamento social brasileiro. Racionais MC's, a gente pega a narrativa deles, eles quebram as principais produções que dão origem ao pensamento social Brasileiro, né? Porque eles ironizam e trazem fatos do cotidiano, por exemplo, e desconstróem toda a ideia de democracia racial e a interpretação de raça que a gente tem lá no início do pensamento social brasileiro. Então a gente fez um curso pautado só na produção dos Racionais. Tinha alguns autores que apareciam às vezes. Por exemplo, o próprio Osmundo estava, porque ele tem um texto importante sobre o trabalho dos Racionais. Mas o foco era a obra, era os álbuns dos Racionais, que iam desde a estética, os instrumentais, composição musical, relação com aquelas músicas, as letras, como a forma como eles narravam as colagens, diálogos que eles construíram contra os artistas. E a gente teve que mudar de sala de aula logo no começo, porque não cabia todo mundo na sala de aula que a gente estava, então a gente teve que mudar para um centro dentro da Unicamp que acontece disciplinas de diferentes faculdades, institutos, e nós tínhamos como vizinho um professor da Engenharia Mecânica que dava aula de Física, professor de Física. Então, logo no nosso primeiro dia de aula nesse novo espaço, e eu cheguei antes de começar a aula, a gente já sofreu uma violência desse professor, ainda entrando na sala, antes de começar a aula e gritando que aquele espaço era um espaço para aula teórica, e não para bagunça, não para festa, sendo que os estudantes estavam todos sentados, eu estava mexendo no equipamento, e o som não estava fazendo o barulho que ele falou que estava fazendo, que é o que dizem as pessoas que estavam do lado de fora. Então ele gritou, ele não me reconheceu como uma colega

de trabalho, tratou a gente como se a gente tivesse invadido a sala para fazer festa, desrespeitou os alunos, falou que aquele espaço era um espaço para a aula teórica, mesmo depois da gente explicar, e não para ouvir música, que a gente estava no espaço inadequado e etc. E todo mundo que conhece a Unicamp sabe que no ciclo básico, aulas de Cinema e Música acontecem lá, porque tem o som, e o som nem faz o que o professor estava dizendo que fazia, porque o som tem uma capacidade insuficiente. Mas por que eu tô falando isso? Porque, depois que isso aconteceu, ao invés de ter uma personificação disso, que ele não reconheceu que as pessoas que estavam ali eram estudantes e o que estavam fazendo era estudar... A turma não fez uma personificação do caso “nós somos vítimas de racismo”. Lógico que foi denunciado, porque eram alunos das ações afirmativas. Se fosse um professor homem branco, ele não tinha entrado na sala daquela forma e tal. Mas as estudantes construíram uma agenda afirmativa, que é fazer uma carta de reivindicações para a universidade. Então, essas reivindicações, elas pediam que um percentual mínimo dos programas de disciplina fossem, um percentual mínimo das referências dos programas disciplina fosse de autoras negras, negros, indígenas e do Sul Global, né? Já criou, em decorrência dessa carta, um espaço de acolhimento e de denúncia dos casos de racismo. Então, com esse acontecimento, vem tudo que as estudantes estavam sentindo, porque eles estão acessando a universidade, mas a universidade continua super-eurocêntrica, ocidentalizada e não valoriza essas produções e coloca essas produções assim, como coloca esses próprios alunos como militantes ativistas, e não como pesquisadoras e pesquisadores.

Então isso não é o suficiente. Eu acho que essa transformação, ela tá sendo trazida conforme a gente amplia a participação dessas estudantes na universidade, né? Porque a gente tem referenciais, a gente tem muita produção, a gente tem muita coisa que pode ser lida, estudada na universidade, mas, diferente da experiência da Unilab, isso não acontece com tanta frequência em outras universidades. Inclusive a gente tem programas de disciplina totalmente ultrapassados, sobretudo na Ciências Sociais, acho que é isso.

**Paulo:** Massa, Jaqueline. Obrigado. Juliana.

**Juliana:** Bom... obrigada, Paulo, pelos comentários. Eu vou tentar juntar seus comentários com a questão do Roberto. Eu acho que a questão que a Sandra Mara trouxe... assim, concordo muito com tudo que a Jaqueline Santos acabou de dizer, então eu vou poupar esse tempo para focar aqui. Eu acho que, do que você trouxe, Paulo, essa questão de sentimento de dívida da conexão com adoecimento mental, por aí tem muito a ver também com essas cobranças que a gente pode... aqui eu vou concentrar na questão que você trouxe, dessa forma, texto, como produtora de desigualdade, eu concordo muito com isso não apenas porque tem uma expectativa dessa figura de um intelectual inatingível para os dias de hoje, absolutamente inatingível, pelo tempo que a gente tem, a dinâmica da vida, enfim. E por outro lado, quem desconsidera estudante que trabalha, estudante que demora mais de duas horas para chegar na universidade, estudante que tem também outras questões, que aí a gente pode passar tanto pela saúde, mas como questões das condições concretas de existência, de que não vão completar uma leitura até o final. E aí eu tenho discutido muito isso em sala porque, em geral, as alunas ficam muito impressionadas quando eu falo que eu não cobro leitura nem presença. Eu não cobro, porque, se a gente levar essa questão, de uma necessidade, uma imposição de você ler tudo de forma completa, a gente não poderia passar capítulo de livro, porque se para compreender você tem que ler tudo, tem que ler o livro inteiro, e se para compreender tudo você tem que ler o autor inteiro, obra inteira, porque o jovem Marx é diferente do *old* Marx, né? Então, e isso é impossível de ser feito. Então, assim, além de trazer outras formas, outros formatos de registro, que eu acho que é o que a Jaqueline faz de forma brilhante, a produção de conhecimento, ela não é produzida apenas textualmente, é também considerar que é muito capacitista achar que todo mundo tem que ler o texto da mesma maneira. Muito capacitista, né? As pessoas neurodivergentes, outras pessoas assim... Eu acho que a gente tá precisando, de fato, levar a sério esse olhar binário do Estado, o corpo que serve, o corpo

que não serve, a esse projeto neoliberal. Ele também impacta as pessoas que estão em sala de aula.

Então é esse olhar necessariamente racista, misógino, lgbtfóbico, capacitista, classista, enfim, tudo isso produz esse adoecimento, as exigências que a academia produz em relação a essa figura inatingível de um intelectual produz adoecimento. E a contramão, a desobediência, também tem a ver com não fortalecer esses processos que adoecem, porque a gente sabe que adocece. Então acho que isso tem a ver com a outra parte da questão que o Roberto Barreto colocou de formas, de outras metodologias, outras teorias, outros caminhos. Porque eu acho que a aposta em trazer para a sala de aula produções não textuais de audiovisual, de áudio, de visual, as fotografias, o cinema, vídeos, música, os podcasts, que estão sendo uma aposta interessante que tem sido também importante, e muitos estudantes cegos também falam de como, pela primeira vez, estão sentindo também privilegiados em relação a uma forma de escoamento da produção científica. Então acho que tudo isso contempla essa busca. É uma busca incessante. E aí eu acho que, para encerrar mesmo, a aposta na extensão, para mim, ela é muito central, e projetos que também bebem da proposta da extensão.

Na UERJ, a gente tinha, acho que ainda tem, UERJ sem muros, que brincavam quem estava menos sem muro, quem estava indo com muros. Porque a gente sabe que não é só ficar bonito no nome, como o Jaime fala. Tem que ser concreto. E aí eu acho que, para encerrar, eu vou citar aqui uma experiência que é muito semelhante a um projeto de extensão, que é um projeto que está sendo coordenado pela professora Lucía Eilbaum, na UFF, que vem a partir de um edital do CNPQ, que chama “Para humanidades”. Então, a gente reúne várias pesquisadoras, pesquisadores que trabalham com familiares de vítimas, trazendo essas pessoas para a produção de conhecimento de fato, numa proposta, por exemplo, de formar um material que a Fiocruz já tá interessada, nesse curso, que é um curso que vai ser formado a partir das experiências dessas mães, familiares de vítimas na sua relação com profissionais da saúde, da assistência na ponta. Porque parece que a parte do jurídico muitas vezes caminha mais rápido, então já tem

clínicas de direito etc., nas próprias graduações, fazendo um trabalho importante, profissionais do Direito operador, do Direito que trabalham *pro bono*. Mas a parte da saúde, da assistência ainda, está aquém, muito distante de poder proporcionar um atendimento concreto, eficaz a essa parte da população. Então é pensar também no papel da Antropologia em relação a outras áreas, a outros campos do saber, a outras carreiras, né? Como a gente também pode contribuir nesse sentido da formação? Acho que é um exemplo aqui bem rápido. Enfim, e agradeço, foi muito bom ouvir os colegas aqui as colegas.

**Paulo:** Gente, queria agradecer. De fato, fiquei muito estimulado também. Muito bom ouvir vocês, então queria agradecer vocês quatro, né?, Jacqueline Britto Pólvora, Jaqueline Santos, Jaime Alves e Juliana Farias, pela possibilidade de ouvi-las e ouvi-lo. Agradecer também, claro, ao Matheus, que tá aqui conosco fazendo a mediação, e o Roberto também ajudou. E aí também toda secretaria da ABA, que sempre chega junto nessas coisas, esses webinários, e também a diretoria da ABA (biênio 2023–2024), em especial o professor Osmundo Pinho, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, pela iniciativa. Acho que vale também, não sei se Sandra e Roberto chegaram a ver as outras edições dessa série, eu acho que as questões que vocês colocam também estão enfrentadas ali, então também fica o convite para esses outros dois episódios, se ainda não viram, que eu acho que pode ser muito bacana. Então queria agradecer todo mundo e desejar um bom final de semana, sextada, não sei. Valeu gente. Obrigado

**Juliana:** Obrigada, gente, obrigada.

**Jaime:** Obrigado.

**Juliana:** Muito bom, obrigada.

**Jacqueline:** Obrigada, bom dia pra todo mundo, bom final de semana.  
Abração, Jaime.

**Jaime:** Abraço, Jacqueline.

**Jaqueline:** Abraço, beijo.

**Jaime:** Tchau, tchau.

**Paulo:** Prazer, gente.